

COMPRA

Azulejos

Semanario illustrado de Sciencias, Letras e Artes

PROPRIETARIO E DIRECTOR—PALERMO DE FARIA

Redacção e Administração: C. do Jogo da Pella, 6, 2.º— LISBOA

Composição e Impressão—A LIBERAL—RUA DE S. PAULO, 216

PREÇO 20 RS.

SEGUNDA-FEIRA, 6 DE JANBEIRO DE 1908

Tiragem 6000 exemp.

AOS ASSIGNANTES DA PROVINCIA

Pedimos o favor de enviarem até ao dia 9 a importância das suas assignaturas em estampilhas ou vale de correio, pois que, sendo feita pela Redacção, ser-lhe-ha augmentada do respectivo porte de cobrança.



Boas Entradas

A 2.^a SERIE

“AZULEJOS”

Dissemos que, correspondendo á gentileza do publico para conosco, iamso melhorar o nosso semanario, a partir do 1.^o numero da 2.^a Serie.

Cumprindo a promessa daremos um maior numero de secções e gravuras, entre as quaes se contam:

Secção das creanças—destinada a publicar os retratos e producções das creanças até aos 12 annos.

Atravez d’Africa—illustrações de pontos interessantes da Africa Portugueza.

Secção de bordados—onde inseriremos monogrammas e rendas, afim de que as nossas gentis leitoras possam obter pela insignificante quantia de um vintem, o que n’outros jornaes lhes custa carissimo.

O Feiticeiro das Trevas—interessante secção de consultas sobre o passado, presente e futuro.

N’um dos proximos numeros começará a descripção da **Campanha ao Cuamato**, devida á penna do distincto official expedicionario Mello Vieira.

No intuito de tornarmos conhecidas as obras dos nossos classicos, damos hoje um conto de Julio Diniz. Seguir-se-hão outros, entre elles, a bella satyra **Pena de Talião**, de Manuel Maria Barbosa du Bocage, obra de tão grande nomeada, podendo, por esta forma obter os nossos estimados leitores, trechos primorosos por preço insignificante.

A secção musical será honrada pelos nossos mais conhecidos e inspirados maestros.

COMPRA



Semanario illustrado de Sciencias, Lettras e Artes

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA
Director Scientifico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA
Secretario da Redacção: BENTO MANTUA
Administrador: XAVIER DA SILVA

DIRECTORES
Litterarios: J. PACIFICO, J. C. BRAGA e ROMANOL
Artisticos: A. LACERDA, C. CRAVEIRO e J. BASTOS
Musicos: ALFREDO MANTUA e FERNANDO PADUA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
C. do Jogo da Pella, 6, 2.º
LISBOA

Segunda-feira
6 DE JANEIRO DE 1908

Condições d'assignatura
(Pagamento adiantado)
SERIE DE 15 NUMEROS
Lisboa e provincias..... 300 rs.
Colonias..... 400 »
Brazil (moeda forte)..... 900 »

Officinas d'impressão e composição
A Liberal—R. de S. Paulo, 216

NUMERO AVULSO 20 RÉIS

Tiragem 6:000 exemplares.



CHÁ E TORRADAS



I á lá vae o anno de 1907 e está morto e bem morto; verifiquei o obito. e não foi preciso cortar-lhe as carotidas; a decomposição cadaverica manifestou-se logo *post mortem*.....

Dispúnha-me a fazer considerações mais ou menos philosophicas sobre este thema, quando me chegaram as mãos os jornaes da manhã e, em letras gordas, depara-se-me este titulo sensacional: **Rapto d'uma irmã de caridade.**

Lêr a descripção do caso foi obra d'um momento e fiquei... sim, fiquei como se tivesse engulido uma batata da ilha.

Raptar uma irmã de caridade!

Como podéra um passageiro do *Anselm* transformar-se em Cupido, do Pará até Lisboa, e trespassar de lado a lado o coração da irmãinha com uma setta ervada, e tão ervada, que a fez esquecer os votos e o convento e ainda peor do que tudo isto, as manas todas?

Passei o resto do dia e toda a noite a scismar na fraqueza humana e nas extraordinarias consequencias que pode ter o celibato d'uma rapa-

riga, que se sente capaz de grandes committimentos e que, ao ver-se ao espelho todas as manhãs, se convence que a missão da mulher não é só tratar dos enfermos e encarcerados e, nas horas vagas, deixar deslisar por entre os dedos afilados as frias contas d'um rosario.

Passaram-me pelo pensamento mil e uma idéas, qual d'ellas a mais extravagante, mas todas com a mesma conclusão.

Diz a *Sabedoria das nações* que o traveseiro dá bons conselhos. E' possivel, mas a insomnia não tem privilegio igual, antes pelo contrario; e quando os primeiros clarões da madrugada começaram a dar vulto aos moveis do meu quarto, levantei-me e formulei *in mente* o desejo de que não fossem apanhados os pombinhos, para poderem, em completa liberdade, passarem muitos e longos annos na mais completa das felicidades.

E o que eu imaginei até ao almoço, que comi sem appetite, dava para um romance de grandes dimensões.

Que a fugitiva era nova e formosa, que tinha uns olhos meigos, aveludados, estonteantes, não havia a menor duvida, assim como não hesitava em suppor a companhia velha, rabujenta, cheia de rugas e de preconceitos. Nem se podia admitir outra cousa; d'um lado a mocidade em todo o seu frescor, do outro a decrepitude com todas as caturreiras.

O que eu bordei sobre estas duas hypotheses é phantastico.

Afinal chegaram os jornaes do dia e mais bem informados que os da vespera, desmoronaram todos os castellos que havia construido.

O deus travesso não tinha mettido prego nem estopa no caso sensacional; fôra apenas o auxilio d'uma alma caridosa, muito mais caridosa do

que a velha irmã de caridade, que se prestára a livrar dos jejuns e dos cilicios uma pobre rapariga que não se sentia disposta a deixar emurchecher as flores da sua ridente primavera nos gelos e isolamento d'uma clausura, talvez perpetua, para espiar a falta de querer um dia voltar ao lar materno.

Singular caridade a d'estas irmãs!

Mudou com a rectificação da primeira noticia o curso das minhas idéas. Mas como eu desejava conhecer o libertador para lhe dizer que era um benemerito, um homem de bem, um verdadeiro liberal e que, onde visse as pobres victimas d'um fanatismo que tudo condemna, lhe estendesse a mão protectora e caridosa e diligenciasse dar a liberdade ás pobres avesinhas, que só aneiam por quebrar as grades da prisão que as retém captivas e privadas do ar puro e vivificante dos campos e das serras, fugindo assim á atmosphaera das enfermarias que as estiolam, aos jejuns que as enfraquecem, ás scenas de lagrimas e de dôr que lentamente as matam.

E quantas poderiam salvar-se dos tormentos d'uma vida que escolheiam illudidas pelas palavras adocicadas, mas falsas, de meia duzia de fanatisadas que deviam estar convencidas de que não são precisos votos, nem regras, nem jejuns, nem cilicios, nem privações, para acudir aos que soffrem, para tornar mais suaves os ultimos momentos dos que partem, para transformar em sorrisos as lagrimas dos que gemem.

A mulher em toda a pujança da sua mocidade e da sua belleza; a mulher em toda a plenitude dos seus attractivos e dos seus carinhos, a mãe, é a unica e verdadeira irmã de caridade.

JOÃO PACIFICO.

D. João da Camara

Mal diríamos nós quando encetámos a publicação d'este semanario e escolhiamos, para inaugurar a secção de OS NOS-SOS, a figura sympathica e notavel de João da Camara, que tão breve prantearíamos a sua irreparavel perda.

Escrevemos a chorar. Sensibilisa-nos a morte d'um amigo, d'um bom, d'um talento malleavel e brilhante, não facil de substituir-se.

Suffoca-nos a dôr e, o pouco espaço de que dispomos n'este numero, não nos permite traçar um esboço da vida gloriosa, justa e honrada do illustre morto; fal-o-hemos em breve cumprindo o dever sagrado que nos impoemos de tornar conhecidos os nossos principaes litteratos.

Juizo do Anno

Os meus colégas de redacção capitaneados pela decorativa e algo Adamastoriana figura do Palermo de Faria, proprietario e director do *Azulejos*, intimam-me a substituir hoje a somnifera secção scientifica do semanario pelo juizo do anno de 1908, e fazem-no d'um modo identico áquêle que os japoneses empregaram, quando intimaram aos russos a capitulação de Porto Arthur... á bordoadá. Ora eu devo dizer aos leitores que a qualidade *mêdo* nunca matizou, nem de leve, a minha existencia; não que eu pense ser o *mêdo* uma qualidade desprezível, nem que as palavras covarde e medroso sejam sinonimos; Scipião o Africano, valentão romano que poz o cartaginez Annibal (vá la com dois *n n*) mais chato que a pá d'um remo, teve mêlo d'entrar certa noite no templo de Diana porque lhe asseveraram aparecerem naquêlo logar os espêtros dos inimigos que elle tinha trucidado. O mudo d'Alcantara matava bois a murro e tremia como um canião agoitado pelo nordeste, ao vêr ao longe as abas da sôbreasaca do Sr. Mirquês de Franco... dá-lhe que dá-lhe... dá-lhe que dá-lhe. Dizem que o Sr. Alexandre Herculano, que teve a coragem d'escrever a historia de Portugal e um folhêto intitulado *Eu e o Clero*, caiu um dia fulminado por um sonêto que Rosalino Candido lhe disparou á queima roupa nos timpanos. Pois eu, querido leitor, nem sou covarde, nem tenho mêdo (sirvo-me pouco d'agua benta, mas, como veem, mêto o braço ate ao

hombro na pia da vaidade). O Palermo de Faria na sua qualidade de Jupiter tonante, (com o por causa das duvidas) é tão avantajado, que, do trôno de caixotins do seu Olimpo tipografico não me lobriga, infimo verme que sou; O dr. Xavier da Silva, magro como um jantar de jejum em comunidade franciscana, vae-se abaixo com uma *lamparina*; a *mã sina* do Bento é o meu escudo contra elle, e, quanto a miss White, apesar de eximia no box, venço-a facilmente... pagando-lhe uma *ginja* (ou ella não fosse inglesa).

Porque me decido então a fazer o juizo do anno, eu, que não queria fazê-lo, e que não tenho mêdo?

Porque m'o pediu o rapaz das castanhas.

O rapaz das castanhas?! O unico que merece verdadeiramente esse nome, é o japonéz Raku.

Porque, emfim, parece-me que não ha por ali quem, como elle, possa distribuir castanha com mais prodigalidade e por mais baixo preço.

Eu não podia recusar este insignificante serviço a um estrangeiro delicado e amavel com o qual a minha pessoa apesar de humilde, tem tanta afinidade: nenhum de nós tem mêdo. Ha no entanto alguma coisa que nos distingue e separa: na briga, elle dá e eu lévo, lévo sem mêdo, já se vê, mas lévo.

Pensei primeiro escrever o juizo do anno em verso, mercê do que, tomei o rapido das quatro e meia para o Parnaso e fui têr com mestre Apolo, que me recebeu mal.

—Que não podia servir-me agora, disse, quebrei duas cordas da lira, (pretexto, claro). Alem disso, estou em má disposição de espirito: adoeceu a Aurora com uma erisipéla de face... está tão vermelha que não se atrêve a appareçer ao mundo dêsde Setembro.

—Penalisa-me, gaguejei eu...

—Espere, exclamou o Deus, sentando-se num molho de rimas sécas que estavam ali para um canto, arranja-se tudo, vá você falar com o subchefe da primeira secção da quarta repartição da direcção geral das obras publicas do Olimpo em serviço na repartição d'estatistica poetica, secção dos poemas inéditos.

—Isso deve sêr em Portugal...

—Pudéra! Rua Andrade, farmacia Bezelga.

—Ah! o João Bezelga, é meu amigo, obrigado pela indicação. Desêjo as francas melhoras da menina Aurora e cordas bem têzas na viola... perdão... na lira.

—Farcista, gritou Apólo, carregando o cachimbo com uns alexandrinhos bem acentuados e acendendo-o com bocados de fosforo extraidos da cabeça do meu presado confrade em letras Portugal da Silva, ... Vá... vá... está a partir um comboio carregado de decimas (versos, está bem visto... não são das outras... cá em cima não ha escrivão de fazenda).

Num pulo estava na estação da Musa Triste: entrei numa primeira classe e achei-me literalmente envolvido pelas decimas. Pêlo que lhes ouvi, não me parecêram de bons costumes... Vim a sabêr mais tarde que eram decimas relaxadas que Apolo deportava.

Os jornaes litterarios andam ahi cheios dellas.

.....

—Olá, seu João Bezelga, venho pedir-lhe...

—Oh meu querido doutorinho, que me pedirá que eu não lhe faça! Aqui ha de tudo *como na botica*. Quer talvez um poêma digestivo... Seis centigramas de lirismo em uma quadra e como esta mais onze... Supositorios com extracto de redondilha maior.

—Por Jupiter... não mêta a redondilha em trabalhos... o que eu quero é...

—Já sei: elixir anti-neuralgico de versos sótos... está servido... fiz uns esta manhã, depois d'almoço, que estão um primôr...

—Não, não, não, eu...

—Um sonetillo para tirar nodoas...

—Mênos...

—Então não sei!... Só se fôr um endecassilabo laxativo...

—Não se cance... Desêjo um juizo do anno em verso...

O Bezelga, poz-se muito sério, mastigou dois hemistiquios peitoraes e voltou com ar penalizado:

—Disso não tenho, aqui ha só juizo de paz... doutro não ha cá em casa. O que havia secou.

Abandonado pela veia do poeta pílular, resolvi escrever em prosa e cisme decidido a cumprir a promessa.

O juizo do anno 1908 será pouco mais ou ménos, igual ao meu, e dêste pode o leitor fazer uma ideia nitida, lendo este artigo com atenção.

Misero anno! No dia de S. Silvestre debes estar, e de ha muito, entregue aos cuidados do meu sabio colégá dr. Miguel Bombarda.

ANACLETO DE OLIVEIRA

Post scriptum: BOAS FESTAS

A.

A CAMPANHA D'AFRICA

N'um dos numeros que vão seguir-se começará o AZULEJOS uma interessante e minuciosa descripção da Campanha ao Cuamato.

E' seu auctor o nosso velho amigo e condiscipulo José Augusto de Mello Vieira, distincto official de caçadores e um dos mais heroicos expedicionarios, a quem agradecemos penhorados a valiosa e util collaboração.

ESPIRITISMO

Camillo escreve a Silva Pinto
por intermedio de F. L.

A carta que se segue é um pedaço de prosa, de sabor camiliano, e, n'este ponto, comnosco concorda o illustre escriptor Silva Pinto.

Tem todo o brilhantismo, de Camillo toda a sua energia e vivésa de colorido.

Foi escripta por F. L. n'um estado psychologico até agora impossivel de caracterisar.

Sentou-se á banca, a sua mão correu ligeira sobre o papel como arrastada e o seu pensamento pairava longe da acção mechnica da sua mão. No fim, ainda do mesmo modo assignou o nome de Camillo Castello Branco.

Segue a curiosa carta:

Silva Pinto

«A tua amisade, a tua saudade, a tua lembrança são dos poucos factos que ainda me prendem ao mundo. São dos poucos que me lembram raros momentos de felicidade na terra, se na terra ha cousa que se possa chamar felicidade.

A minha vida depois da morte (que extranha heresia te parecerá isto!) tem sido a coroação da vida de sofrimento e de martyrio que n'esse mundo, de lama e pus, levei!

Com a minha passagem consegui a certeza na torturante expectativa que dominou toda a minha existencia ahi: — haveria Deus? existiria a Alma?... Sofri ou continuei a sofrer tanto e tão intensa, tão condensadamente, que, comquanto não podesse duvidar da persistencia da vida, cheguei a descreer da existencia de Deus.

Factos que não é opportuno narar agora trouxeram-me a consoladora certeza de que Elle existia, e de que não desconhecia a minha torturada existencia d'ahi e d'aqui, e então, meu velho, meu querido amigo, alma irmã da minha na amargura, tive a certeza de que a vida na terra seria a antecamara da felicidade se soubessemos aproveitá-la.

Assim como a fazemos, é cousa tão despresivel que nem merece o nosso despreso.

Tu tens levado todo o teu tempo a protestar e a maldizer... Pobre martyr, pobre victima da dor, que não tens conseguido mais do queimar a tua propria alma e despertar o riso dos imbecis!

Meu amigo, meu irmão, meu doce e carinhoso irmão: — a experiencia que tens, extranhamente exagerada, das coisas que te cercam deve ser-

Mascaras illustres



Raphael Bordalo Pinheiro

vir só para te desprenderes d'ellas. Deves liberar o teu espirito ao alto; e quando o fizeres verás que tudo que te afaga e tortura é tão mesquinho, tão insignificante que não merece que por elle vibre a mais grosseira fibra do teu coração.

Agua de talento, espirito de eleição, eleva-te acima do charco em que a fatalidade ou a lei fatal do progresso humano te collocou passageiramente na terra, e terás assombro de ti proprio por teres chegado a indignar-te com as coisas necessarias, que não comprehendes! Por amor de mim consegue libertar-te das ideias grosseiras que a vida da materia te pode incutir no cerebro privilegiado e deixa que a santa philosophia dos teus cabellos brancos possa ver, sem azedume, sem rancor, as miserias dos teus irmãos, e antegosarás a maravilha esplenderosa da creação! Lembra-te que os melhores lameiros são os que dão mais pão; que os terrenos mais adubados com a podridão são os que dão as mais iriadas e odoríferas flores e os mais deliciosos fructos.

Pensa! Reflete! Experimental! Pega em uma planta e dispõe n'a em um vaso de terra limpa, lavada, odorífera, e essa planta, se chegar a lançar raizes, estiolará e em breve morrerá. Dispõe planta igual em vaso de terra apodrecida, engordurada com o escremento mais imundo e ella vegetará luxuriantemente, elevará os seus ramos para o ceu n'uma manifestação de vida feliz e desentranhar-se-ha em flores de uma belleza rara, de um avelludado inegalavel e de um viço pujante.

(Continúa)

Epigramma

Foi um dia atropelado
O cauteleiro Canélas;
Não valeu ao desgraçado
Vivér com tantas cautélas.

DECILITRO.



O Crime

“Dellard”

GORON

(Continuação)

III

Um alfaiate de Lyon, aproveitando o ensêjo para fazer *reclame* á casa á custa d'uma facada no pescoço d'uma mulher, escrevia-nos, fazendo simultaneamente a mesma declaração em varios jornaes, dizendo que fora certamente elle que vendêra ao assassino o casacão com riscas em diagonal, não se esquecendo de acrescentar que tão maravilhosa quão util peça de vestuario se vendia no seu estabelecimento pelo preço verdadeiramente excepcional, de 50 francos.

Ora, como em materia d'instrução criminal, se não deve desprezar cousa alguma que seja de facil verificação e que esteja, por assim dizer, *ali á mão*, aconteceu que o bom do nosso alfaiate sempre ganhou com a *carta reclame*, pelo menos, cincoenta francos, porque a policia encomendou-lhe logo, como peça de comparação possivel, um dos taes maravilhosos, uteis e excepcionaes casacões de pano azul com riscas em diagonal.

Outra declaração importante: um empregado do bazar da Republica, em Lyon, contou que se lembrava muito bem de têr vendido, alguns dias antes do crime, uma faca perfeitamente identica á do assassino, a um mançoço que trazia uma pasta debaixo do braço.

De tudo isto se deduzia que as indicações deviam sêr sérias e proveitosas á justiça; o criminoso devia sêr um individuo admiravelmente conhecedor dos habitos e costumes de M.^{me} Dellard e da familia Caboret; alem disso, impunha-se que o homem estivesse em Lyon antes de vir a Paris cometer o crime, porque, falêmos francamente, a policia não podia fazer pesquisas em todas as casas do mundo que são fornecidas pela Thiers: Lyon é mais perto de Paris do que a Polonia, Tunis ou Lisboa. O mais natural era começar por Lyon e foi o que se fez.

Tenho a presumpção de afirmar que raras vezes um juiz d'instrução e um chefe de segurança trabalhassem tanto, como no caso presente, para encontrarem um assassino; e o nosso trabalho era tanto mais activo, quanto mais o publico se interessava pelo descobrimento do criminoso. Houve mesmo, em certa occasião, uma como loucura epidemica causada por este triste incidente, verdadeira excitação colectiva a que um cronista muito em voga chamou, se bem me lembro, «a febre do *marroquim*» tudo referido, já se sabe, á famosa pasta que o homem, diziam, trazia debaixo do braço. — Esta febre da pasta prejudicou altamente a instrução do processo. E se não acreditam, avaliem o que succedeu pelo que vou contar.

Algum tempo antes de se praticar o crime Dellard, fora assassinado em Neuilly um velho banqueiro, agiota de baixo estôjo, que emprestava sobre penhores réles, á semana e ao mez; pois bem, os dois assassinos deste velho, quando lhe entraram em casa, levavam, cada um d'elles, debaixo do

braço, uma pasta como as dos advogados. O leitor está a vêr imediatamente o resultado destas coincidências. Durante dias e dias, assim que um individuo qualquer, portador duma das taes pastas, batia a uma porta, a primeira coisa que o porteiro fazia era ir chamar um policia. Compreende-se quantas pessoas innocentes foram levadas para a esquadra, ou, como se diz em linguagem administrativa, *convidadas a visitar o serviço de Segurança*. Eram postos immediatamente na rua, — está claro, mas sem o tal *mau quarto de hora* é que ellas não saiam. Os meus superiores e até alguns dos ministros d'Estado, espicaçavam-me o amor proprio, incitavam-me constantemente a proceder com mais energia, mais vigor. Era necessario, absolutamente necessario que o crime do *boulevard do Templo* não ficasse impune.

(Continúa.)

Mundo

E' de tristezas o mundo;
O mundo é todo tristezas...
Em seu gemer o mar fundo
Bem traduz que é de tristezas
O mundo!

O mundo é todo tristezas;
E' de tristezas o mundo...
A solidão das devezas,
Na mudez, mostra as tristezas
Do mundo!

E' de tristezas o mundo;
O mundo é todo tristezas...
Se até o Céu iracundo,
No raio, envia tristezas
Ao mundo!

O mundo é todo tristezas;
E' de tristezas o mundo...
A neve cobrindo asp' rezas
Da serra, vem pôr tristezas
No mundo!

E' de tristezas o mundo;
O mundo é todo tristezas!...
D'um sino o dobre profundo
Diz ser feito de tristezas
O mundo!

Dezembro 1907.

BENTO MANTUA.

Marinhã

Manhã suave d'estio
A aboboda azul celeste
ostenta a gloriosa veste
d'oiro que o sol lhe vestiu!

Corta o ar diaphano o pio
das gaivotas, triste e agreste.
Na brisa fresca do leste
uma barca sobe o rio...

Cobra d'agua a ondular,
o rio que serpenteia,
espraia-se em prêmear...

E as ondas, uma apoz uma,
vem desfazer-se na areia
em rendas branca d'espuma...

(Das Canções da Vida)

LUIZ CEBOLA

CLARISSE

Depois de me haver demorado bastante tempo na provincia, voltei a Paris tanto mais ávido dos prazeres da arte, quanto era certo d'elles ter estado privado por longo espaço.

A exposição de pintura estava aberta, apressei-me em ir ve-la.

Nas proximidades do *Salon* encontrei o meu amigo Mauricio Hébert um dos mais graciosos pintores de paisagens e de genero.

Perguntei a Mauricio se havia exposto e, respondendo-me affirmativamente, pedi-lhe que, em primeiro logar, me mostrasse os seus quadros.

Modesto, como sempre, acompanhou-me successivamente deante das melhores telas e fez-me notar, com grande imparcialidade, as qualidades geraes ou pormenores, ainda os menos apreciaveis para a multidão.

Enthusiasta das bellezas, passando ligeiramente pelos defeitos, mostrou-me assim os seus amigos, os seus rivales e os seus inimigos, sendo para todos igualmente justo e benevolente, e só passada uma boa hora é que, parando em frente d'um pequeno quadro em frente do qual estavam numerosas senhoras, me disse:

— Agora permitta-me que fique calado; veja e julgue.

A minha primeira impressão foi um grito de surpresa e de alegria que fez voltar todas as pessoas que estavam deante de nós.

Só uma ficou immovel. Era uma senhora, elegantemente envolta n'um chaile de cachemira preta e que, encostada á grade parecia inteiramente absorta na contemplação do quadro do meu amigo.

Sem ter notado este pormenor, aproveitei a partida de muitos espectadores para me approximar e tentar explicar a impressão que, em mim, havia causado o primeiro aspecto d'aquelle quadro.

Nada havia mais simples, afinal, e menos commovente na apparencia.

Representava uma casa, branca, cercada de parreiras e um jardim em que brincavam duas creanças quasi nuas. Sentada n'um canteiro de relva uma senhora, nova ainda, cujas mãos distrahidas tinham deixado escapar o bordado, olhava para as creanças com ternura e inquietação. Finalmente no primeiro plano, um rapaz occupado em concertar um pequeno barco meio encalhado entre os canoços, descansava um momento como para envolver com o olhar a casa, as creanças e a mulher em que parecia resumir-se toda a sua felicidade.

TRADUÇÃO.

(Continúa.)

BOAS FESTAS

A ella...

Queria dar-lhe um raminho
Composto com lindas flores
Mas a rosa tem espinho,
A saudade exprime dores.

Amor perfeito não ha,
A camelia pouco dura:
Os goivos e o reseda
São proprios da sepultura...

A todas levam a palma
— Amizade e gratidão —
Por serem as flores d'alma
Que nascem no coração.

E' elle sempre o canteiro
D'essas flores tão modestas;
Eu que sou o jardineiro,
Colhi-as p'ras boas festas.

Acceitae-as: são singelas,
Mas ficam sempre vicosas.
Sempre frescas, sempre bellas,
Candidas, puras, mimosas.

24 - 12 - 1907 -

J. PAIVA SOARES DENIZ.

O CORREIO NA ALDEIA

Chegou enfim o homem das cartas, e a custo conseguiu romper até ao mostrador, onde pousou a mala. O «director», depois de tossir, de se assoar, de cuspir, e de limpar os olhos com umas delongas, que formavam com a anciedade do povo um contraste desesperador, abriu fleugmaticamente o sacco, extrahiu um não muito volumoso maço de cartas, que despejou num cesto de vime, e tomou apontamentos.

Era digno do pincel de um artista aquelle grupo de physionomias que seguiam ávidas todos os movimentos do mestre Bento. Olhos e bôcas abertas, mãos juntas, pescoços estendidos, a cabeça inclinada para receber o menor som; tudo caracterisava profundamente a anciedade, que lhes dominava os animos.

Mestre Bento Portunhas achou a occasião apropriada para dizer a Henrique.

— Pois, senhor, eu nasci para artista. Quasi sem mestre aprendi a tocar trompa, e não é por me gabar, mas prézo-me de tocar com certo mimo e expressão.

Henrique voltou o olhar para o auditorio; apiedou-o a consternação d'aquellas physionomias, resolveu valer-lhe.

— Tem a bondade de ver se ha alguma carta para mim?

— Ah! pois já as espera hoje?

— Não é provavel; porém...

Mestre Bento Portunhas, em vista d'isto começou em voz lenta e fanhosa a leitura dos sobrescriptos.

Seguiu-se novo e não menos interessante espectáculo. A cada nome proferido, erguia se quasi sempre uma voz, ás vezes um grito; estendia se por cima das cabeças um braço e podemos acrescentar, ainda que se não visse, alvoroçava-se um coração.

Outros, os não nomeados ainda, olhavam com anciedade o maço, que diminuia. — e cada vez mais se lhes assombrava o semblante.

— Luiza Escolastica, do logar dos Cójos... lia o mestre Portunhas.

— Sou eu, senhor, sou eu! Ai, o meu rico homem! — exclamou uma mulher

— Coisas do mundo! — respondeu outro.

Estes commentarios foram interrompidos pela continuação da leitura.

— João Carrasqueiro!

— Prompto, senhor! bradou um velho.

— A mezada, hein? — disse Bento

póde ficar... ainda que... será melhor levar-lh'a a casa; leve, leve tambem... — João Cancellia...

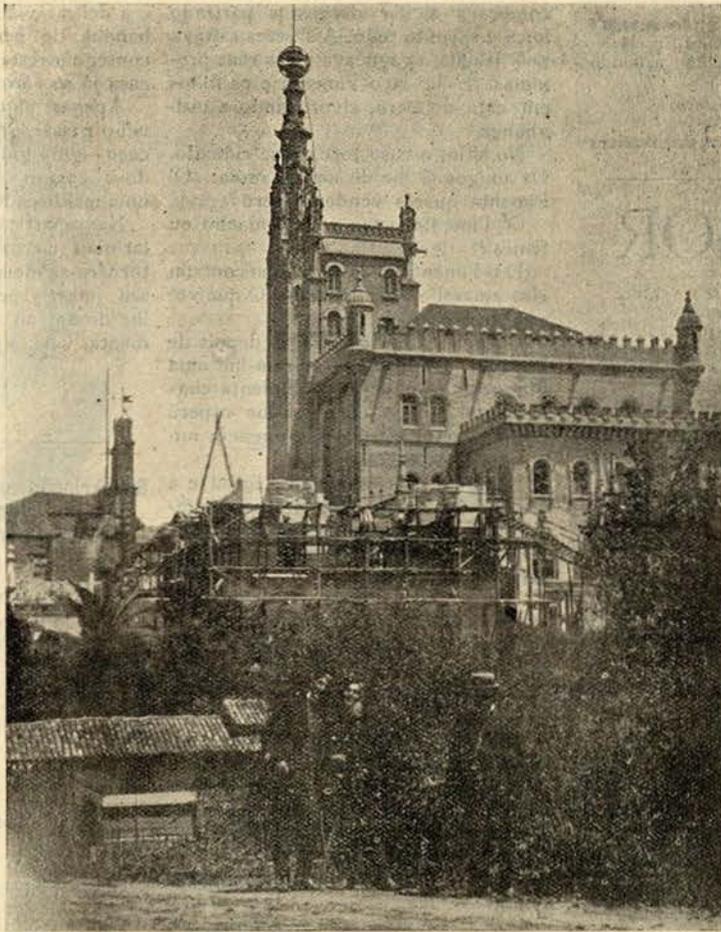
— Esse foi a Lisboa.

— Então, quando vier que appareça.

— O tio Zé P'reira ficou de receber as cartas: é compadre d'elle...

— Eu não quero saber de compa-

Portugal pittoresco



BUSSACO — GRANDE HOTEL DA MATTA — Photographia do Ex.^{mo} Sr. João Salgado

joven, apoderando-se ávidamente da carta.

— Joanna Pedrosa, de Serzejo... continuou elle.

— Aqui estou! Será do meu Antonio, senhor? disse uma velha pobremente vestida.

— Será do seu Antonio, será — respondeu o insensível funcionario; — o que lhe posso dizer é que traz obreia preta. A mulher que já tremia ao receber a carta, deixou-a cahir, ouvindo aquellas sinistras palavras. Apanharam-lha; e ella, tomando-a, saiu da loja, a chorar lastimosamente.

— Se foi o filho que lhe morreu, não sei o que ha-de ser d'ella... disse um dos circumstantes.

Portunhas, fitando-o por cima dos olhos. O rapaz não se esquece.

— Deus Nosso Senhor o ajude, que bem bom filho tem saído.

— D. Magdalena Adelaide de...

— E' a morgadinha, é a morgadinha! disseram a um tempo muitas vozes.

— Agradecido pela novidade; era cá muito precisa a explicação... — disse o Portunhas, e passando a carta para uma mulher, que era encarregada de fazer a distribuição a quem a podia gratificar, accrescentou: Leve-lh'a lá a casa. E proseguiu: Augusto Gabriel...

— E' o mestre-escóla...

— Ora fazem o favor de estar calados? Esta... como elle vem por aqui...

dices. O tio Zé P'reira que se ocupe com o seu zabumba e deixe lá os outros.

A leitura, mais ou menos acompanhada d'estes dialogos, proseguiu, redobrando, de momento para momento, a anciedade dos que iam ficando. Um fundo suspiro, unisono, melancolico, expressivo de desalento, seguiu-se á leitura do ultimo nome e ás poucas palavras, com que o funcionario fechou a tarefa.

— E acabou-se.

Os que ainda estavam na loja sahiram cabisbaixos, morosos, e com tão má vontade, como se ainda tivessem esperanças de commover a inexoravel sorte.

DEUS

Ha uma lei qualquer indefinida
Que em tudo existe imperturbavelmente,
Regulando o destino do Existente,
Dos astros, da razão, do amor, da vida.

Chamam-lhe Deus, na crença irrefletida
Em um ser mortal, Onnipotente,
Na sua imagem semelhante á gente.
Enigma que a razão nos intimida!

Esse motivo ou lei por que ella adeja,
E' ideal, é sonho, é bem fecundo
Que acompanha sciencia bemfazeja.

Chame-se embora Deus á lei do mundo!
Mas cáia a fé no Deus da falsa Igreja,
Dógma que insulta um meditar profundo

(Versos d'um Contemporaneo)

RAFAEL LESAMETA

O AMOR

Deus de amor, sempre a ventura
De tuas mãos pendentes vi:
Tu podes tudo; sem ti
Nada no mundo figura.
Recolhe da terra dura
Fructo immenso o lavrador:
Mas occulto dissabor
No fundo da alma lhe diz,
Que não chega a ser feliz
Quem não chega a ter amor.

NICOLAU TOLENTINO

Galheteiro

VII

O Pimenta era amanuense de um
ministerio qualquer onde ganhava o
sustento da mulher e dois filhos.

Nas horas vagas fazia sinas e brin-
quedos de madeira de caixas de cha-
rutos. Viviam mal, coitados, alli para a
Graça, n'uma casinha modesta de qua-
tro compartimentos.

Precisára baptisar os pequenos e,
para apadrinhar os anemicos rebentos,
convidou o chefe da repartição, em
Maio, n'um tremido discurso de ama-
bilidades e supplicas, embrulhadas nos
mais commovedores adjectivos a que
o coração sensível do sr. Pio vibrou
até aos bordões.

A coisa arranjou-se e, n'uma ma-
nhã parda d'esse mez, as duas crean-
ças pelo seu pé e mãos do chefe, re-
cebiam dois nomes quaesquer e uma
concha d'agua fria, na egr:ja proxima,
sob o olhar radiante do pae que assis-
tia dentro da sua sobrecasaca susten-
tada a café.

Desde esse dia, Pimenta creditára
ao seu compadre, no livro dos deve-
res, este enorme favor, esta distincção
que o envaidecia.

A lavadeira trouxera lhe um perú,

pequeno ainda, e a triste ave, desper-
tára no cerebro do amanuense uma
ideia feliz.

Para o Natal, faltavam seis mezes,
e até lá crescia, engordava e era um
soberbo presente para o compadre.
Mas havia uma dificuldade: onde guar-
dal-o por tanto tempo. Isso era o me-
nos, atalhava a esposa e os petizes,
fazia-se uma gaiola.

Mas a tal gaiola nunca se fez e o
perú passou a ser como da familia.
Perdeu a timidez e andava pela casa
toda. Os pequenos disputavam-no ar-
rancando-lhe as pennas e, o animal
começava a dar desgostos partindo
loicha e sujando tudo. A's vezes saltava
pela janella e vagueava pelas ruas pro-
ximas. E lá ia o Pimenta e os filhos
em cata do perú, alvoroçando a visi-
nhança.

No sitio, o caso tornara-se ridiculo.
Os amigos já lhe diz am de mófa: O'
Pimenta queres vender o perú?

O' Pimenta o teu perú é macho ou
femea?

E o Pimenta moia as piadas com um
riso amarelo e respondia — O que vo-
cês teem é inveja.

Chegou enfim o Natal e, depois de
lavarem o animalejo, ataram-lhe uma
fita azul ao pescoço. O Pimenta cha-
mou um gallego, entregou-lhe o perú
e um bilhete, fazendo-lhe um sem nu-
mero de recommendações.

N'aquelle dia ninguém jantou e a
mulher suspirava a cada espaço lem-
brando factos passados com o animal-
sinho, a quem queria como se fôra um
filho.

Passaram-se oito, dez dias e o Pi-
menta na repartição ao cumprimentar
o chefe esperava os agradecimentos do
presente e da praxe.

Mas estes tardavam e o Pimenta co-
meçava a inquietar-se.

Até que se resolveu, e, aproveitando
uma pergunta de serviço arriscou:
Então V. Ex.^a gostou do perú? Era
um bonito animal, não é verdade?

— Qual perú? perguntou admirado
o Pio.

— Pois não recebeu? disse o Pimenta
livido de susto.

— Não recebi coisa alguma.

E o Pimenta de olhos esgazeados
não acreditava o que ouvia.

De repente estremeceu e largando
o maço de papeis que sobraçava, dei-
tô a correr, desorientado, em cabello,
penna na orelha, caminho da Graça
em busca do gallego. Todos lhe pare-
ciam o mesmo e a todos perguntava
pelo seu perú. O rapazio tinha-se jun-
tado pouco a pouco e corria atrás do
Pimenta, parando quando elle parava
e fazendo côro ao ouvil-o perguntar—
Então o meu perú? — Mas em vão. O
gallego desaparecera, o perú fôra
para outra parte.

Estava roubado!

E o Pimenta n'um accesso de lou-
cura corria todas as lojas, perguntava
a todos que passavam: Que é do meu
perú?! Venha o meu perú!

Os garotos em volta d'elle faziam
um barulho ensurdecedor.

Um policia interveio e tomando-o
por um louco prendeu-o. Debalde elle
tentava explicar a historia do seu perú,
e debatendo-se, nos braços do agente
lá foi em meio de um magote que o
esporcava com ditos e imitava o canto
dos perús, glú! glú! glú! glú!

Chamado o compadre para soltar o
Pimenta, este appareceu em casa triste
e abatido. Foi para a cama com febre
e a delirar via-se em meio de enormes
bandos de perús! Por fim socegou e
conseguiu restabelecer-se do abalo. Em
casa já se não fallava no succedido.

Apenas algum garoto do sitio ao
vel-o passar, gritava estendendo o pes-
coço—glú! glú!, e o Pimenta varan-
do-o com o olhar seguia o seu cami-
nho maldizendo a sua ideia.

Na repartição combinaram não fal-
lar mais no caso, porque o Pimenta,
tornára-se melancólico e receavam pelo
seu juizo. Apenas quando elle errava
lhe diziam ao emendar: O' seu Pi-
menta, você aqui fez perú.

MISS WHITE.

Subscrição promovida pelo «Azule-
jos» a favor das escolas da cegos
Branco Rodrigues.

Em dinheiro:

Do n.º anterior.....	7\$500 réis
A. Malheiro.....	500 »
V. Paes.....	500 »
Segue total.....	8\$500 »

Cumulos

Achar frieiras nas orelhas d'um martello

Cantar decimas relaxadas

Depor n'uma campa a coroa d'um padre

Passar n'uma travessa d'arroz

Ser preso por um guarda-chuva

Atravessar o Tejo n'um bote de rapé

Pensamentos

Não são as ervas daninhas que matam a
colheita, é a negligencia do lavrador.

CONFUCIO

Quando estamos mal comôosco é difficil
sêr bom para os outros.

BALZAC

Secção das Crenças

Como promettemos no nosso ultimo numero, temos reservado para as crenças, até doze annos, que nos quizerem enviar as suas producções litterarias, tanto em prosa como em verso, um cantinho do nosso semanario, conservando a orthographia, syntaxe e metrificacão dos originaes recebidos, mas reservando-nos o direito de não dar publicidade aquelles que pela sua contextura, não devam ter cabimento n'esta publicacão.

Segue a primeira producção e o retrato do seu auctor.



9 annos

Portugal

Foste tu, oh Portugal, um paiz sempre formoso
De manhã até á noite
Teu panorama é mimoso.

Oh meu bello Portugal
Lá nos mares do Oriente
Conquistaste as tuas terras
Com a tua nobre gente.

Portugal e sua armada
Mereciam titulo de fama
E foi um gosto de velhos
Desembarcar em Alfama

Desembarcar em Alfama
Onde a armada apportou
Todo o paiz alegrou
Ao vêr-se Vasco da Gama.

Elle vem triste e abatido
Dentro do seu bergantim
Que o irmão Paulo da Gama
Nas aguas teve seu fim.

LUIZ ARTHUR DE OLIVEIRA MARQUES

Semana Alegre

A mamã. — Antoninho, vou mandar fazer o teu retrato. Vê lá como queres... fotografia, crayon, olio...

O petiz (deitando os olhos para uma confeitaria) — Mamã, prefiro... pastel.

O FEITICEIRO DAS TRÉVAS

O «Azulejos» no proposito de ser agradável aos seus estimaveis leitores, acaba de fechar contracto com Mr. Georges Clément, neto da celebre M.^{me} Clément, que foi uma das mais notaveis feiticeiras do principio deste seculo e que transmitiu a seu neto todos os conhecimentos que possuia sobre sciencias occultas e varios talismãs e formulas que dominam e transformam as energias naturaes.

Georges Clément é hoje conhecido na Europa pelo nome de *feiticeiro das trévas* e o seu grande sabér e potencia dominadora dos elementos fazem d'elle a figura mais proeminente no mundo do *ocultismo*. Clément prometeu-nos honrar o «Azulejos» com varios artigos onde desvendará os mais reconditos e impenetraveis mysterios da natureza, dando-nos a esperanca de que em breve abriremos uma secção especial de *consultas sobre o futuro*, especialmente dedicadas aos assinantes deste semanario. Começa hoje o illustre bruxo a sua collaboraçã pelas:

Sinas de Janeiro

Ouvi! Ouvi! Ouvi! O Futuro é o eixo em volta do qual gravita a existencia humana.

Eis os traços geraes da tua vida, homem que nascêste no primeiro mês do anno.

Serás leviano, porem amigo do trabalho, sendo para lamentar a má escôlha que farás das pessôas de tuas relações e conhecimento. Essa balda d'enganar raparigas com falsas promessas será deprimente para o teu character, mas a vingança das pobres illudidas será o verdadeiro amor que votarás a tua espôsa: uma mulher vingando a comunidade. Serás sujeito a varias doenças nas pés: calos, entorses, reumatismo, etc. Terás um sinal num braço ou num joelho. — Correrás bastantes perigos e aos trinta annos amargurar te ha a vida uma doença e outra aos trinta e cinco. Sofrerás grandes desgostos por causa duma demanda que apoz muitos annos ganharás. Entre os trinta e seis e trinta e sete annos, guarda-te de tomar remedios. — Se fóres comerciante, verás o teu negocio manter se estacionario durante a tua mocidade e desenvolvêr-se rapidamente depois dos teus quarenta annos, dando-te proventos avantajados. Livre-te Deus de sêres um protentado sobre a terra, porque sofrerás de morte violenta. Os quarenta e três serão em todo o caso a idade mais terrivel para ti, por quanto serás atacado por doença grave; se desta escapares, morrerás em idade propecta.

E tu, oh mulher que em Janeiro nascêste, ouve a minha voz profética, medita no que vou dizer-te e faze por

modificar pela força da tua vontade, tudo que no teu intimo encontrares de mau.

Serás generosa, sincera e liberal. O prazer será o teu deus e esta inclinacão te acarretará doenças. Agradar tehão, de preferéncia, os homens elegantes, franzinos, fobros, pallidos e perfumados. As doces confidencias d'amor farão a alegria de tua vida e só te considerará verdadeiramente feliz quando vires a teus pés uma legião de adoradores. Casarás alfin com um homem notabilissimo pela sciencia ou grande compositor de musica; isto porem não impedirá que te enviem cartas d'amor escondidas em ramilhetes e que nos bailes te façam declarações ardentes. Teu marido, de bom genio mas fraco de character, sofrerá grandes desgostos por tua causa, vel-o has por isso doente e entrará a desuniao no teu lar.

A Providencia porem é piedosa; talvez te não case. Receberás herança não muito avultada, por morte de parente afastado. Adorarás as joias, os enfeites, e as flores. Serás *coquette* em extrêmo, o que será causa de inumeros desgostos para ti.

Li atravez da pura linfa da garrafa magica que terás uma grave questã com pessôa de tua familia; que a adversidade será tua constante companheira e que farás longas viagens. Serás energica e se da energia te servires para modificar as más inclinacões, muitas das minhas profecias deixarão de cumprir se, o que te dará relativa fidelidade.

Lê e relê as minhas palavras mulher e lembra-te sempre da nobre missã que, sobre a Terra a Providencia te impoz.

Lembra-te mulher!



THEATROS E CIRCOS

D. Amelia — As duas madame Delaueze — A sorte dos maridos.

As duas madame Delaueze, peca de M.^{me} Gabriel Mouret de cuja traducção se encarregou o sr. Portugal da Silva, é um esplendido trabalho, novo e de uma certa intensidade dramatica se bem que um pouco inverosimil e de arrojada concepção, a que a sua auctora, mercê de um talento privilegiado deu vida e fóros de perfeita naturalidade, embora a açcã esteja muito diluida n'aquelles 3 actos.

Lemos o original francez e ali, os encantos da linguagem dissolvem a escabrosidade do assumpto; por isso passaremos a occupar nos do desempenho.

Em primeiro logar citaremos Lucilia Simões que se debate n'um personagem falso, fóra do seu temperamento, sem a menor expansã, toda sentimento por esses tres actos a convencer o marido a favor da antiga mulher d'este.

Angela Pinto no papel de Joanna Dormeuil tem um bello trabalho e d'elle especializaremos a scena final do 2.^o acto.

Joseph d'Oliveira tem na Sr.^a Delauze um dos seus bons papeis. Não exagera, conseguindo marcar bem o que a seu respeito escreveu M.^{me} Mouret.

Alexandre Azevedo não nos agradou. Não está bem n'aquelle difficil personagem parecendo-nos ter errado na interpretação de Phillipe Delauze. Mas errare humanum est e Azevedo com todo o talento que he conhecemos não pôde ser infallível.

Pinheiro, come sempre, correctissimo na parte que lhe distribuíram.

Os restantes personagens não desmancham o conjuncto.

— Representou-se tambem a comedia em 1 acto *A Sorte dos Maridos*, traducção de Antony.

Tem graça e pena é que a scena das cartas a torne um nadinha massadora, por ser extensa.

Pinheiro e Augusto Rosa crearam dois bons typos cujo exagero está de harmonia com a letra.

Henrique Alves agradou-nos sobremaneira. E' natural e percebe-se bem o que diz.

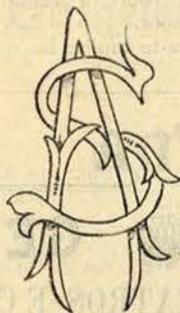
E lá estivemos... na geral.

Theatro D. Maria — *A Grande Tuna Feminina*, composta por um grupo de gentis meninas da nossa primeira sociedade, apresentou-se mais uma vez no dia 1 de janeiro em matiné de caridade, sob a regencia do nosso companheiro de redacção, o maestro Alfredo Mantua.

A execução foi magistral e a festa, onde foram distribuidos brinquedos e vestuario a 30 crianças pobres, deixou nos espectadores gratas recordações. Felicitamos o regente e as formosas executantes, que nos vão deliciando ao mesmo tempo que praticam o bem.

ROMANOL.

BORDADOS E RENDAS



VARIEDADES

Mãosinhas de carneiro — Cozem-se bem em agua e sal e tiram-se-lhe os ossos das canellas, depois fervem-se por alguns minutos n'um molho estufado e servem-se com molho de tomates. Tambem se podem fazer com molho de fricassé servindo-se com o mesmo molho.

As frituras de mão de carneiro preparam-se facilmente. As mãos de carneiro, dessecadas dos ossos lançam-se n'uma frigideira com manteiga de vacca, dentes de alho pisados, loiro, pimenta, sal e vinagre, o que for preciso. Depois de bem fervedas n'este molho, afim de tomarem o gosto dos temperos, embrulham-se em pão ralado, passam-se por gemmas de ovos, envolvem-se novamente em pão ralado e fregem-se em manteiga de porco. Depois de fritas podem servir-se com salsa frita, molho de tomates ou picantes.



QUAL É A COISA,

QUAL É ELLA?

Decifreadores

Do n.^o 13

Em concurso. — *A. Carvalho* (13) — *M. Ribeiro* (10) — *M. de Sousa* (9) — *Litras*. A sua carta veio multada, não a recebemos.

Do n.^o 14

Em concurso. — *Litras* (15) — *M. Sousa* (8) — *M. Ribeiro* (8).

No proximo numero faremos o apuro do matador do maior numero de charadas, afim de lhe ser entregue o premio a que tem direito: **uma carteira com monogramma em prata.**

Começando hoje a 2.^a serie de charadas, abrimos novo concurso a premio, sendo este destinado ao charadista que, durante os 15 numeros, decifrar maior copia d'artigos, alem de 150.

Decifrações do numero antecedente

Relampago — *Numeroso* — *Mimo* — *Regata* — *Basalto* — *Lombo, lombá* — *Bage, gebá* — *Letradura* — *Consolo* — *Empata* — *Cama, maca* — *Lama, mala* — *Vegete* — *Entrecasca* — *Gato escaldado de agua fria tem medo* — *Bolor* — *Cepos, Espinho, Eirol, Freiriz, Quelfes, Ajuda, Chamoim, Ameal.*

Logogripho

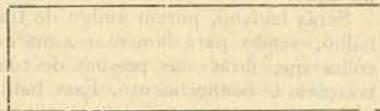
Rapido

Nota
1, 2, 3

Planta

Fructo
3, 4, 5

J. P.

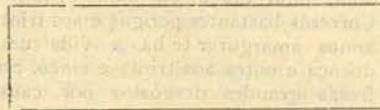


Charadas

Novissimas

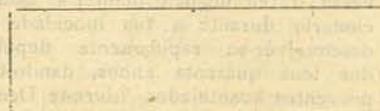
Esta cova na vereda é provincia.-2-1

J. P.



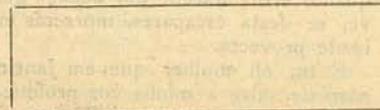
Alguma cousa n'este rio é vegetal.-2-1.

J. L.



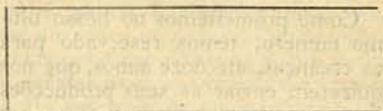
No casaco esta agua é uma planta.-2-1.

A. P. R.



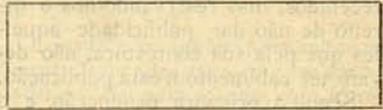
Na rupia péga porque vive nas rochas.-2-2.

X. Z.



Tem medo no erario porque é perigoso.-2-3.

JULIO R.

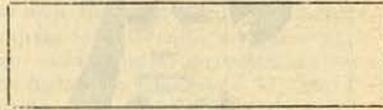


Enygmas

Typographicos

TO
X

J. L.

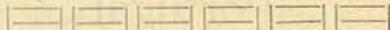


DAR
NA

J. L.

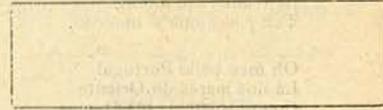


De palitos



Tirando 7 palitos fica uma mulher.

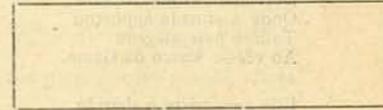
J. P.



Por iniciais

Q A N O A F
I 4 I 2 2 2

PINGOLINHAS



Em quadrado

* * * * Poeta
* * * * Sentimento
* * * * Vê
* * * * 1856-1907

ISAURA



Artigos a decifrar, 11.

GRANDE DEPOSITO
DE
MOVEIS DE FERRO
COLCHOARIA
DE
JOSÉ A. DE C. GODINHO
54, Praça dos Restauradores, 56 — LISBOA

COSTA JUNIOR
Doenças dos Olhos
R. Nova do Almada, 64, 1.º — Da 1 ás 5 da tarde

SALVADOR VILLARINHO PEREIRA
Clínica Geral — Partos
R. de S. Roque, 67, 1.º — Das 3 ás 5 da tarde
TELEPHONE 1573

ALBERTO FERREIRA
MEDICO CIRURGIÃO
Rua Maria Andrade, 10, 2.º — D.
Consultas das 10 ás 11

ANACLETO DE OLIVEIRA ♦ ♦ ♦ ♦
♦ ♦ MEDICO-CIRURGIÃO ♦ ♦
♦ ♦ ♦ ♦ R. S. Vicente á Guia, 22, 1.º

LUZ KITSON
Petroleo por incandescencia
A mais brilhante, a mais economica
Sem cheiro nem fumo, **L. M. LILLY**, successor.
R. dos Retrozeiros, 35, 1.º — D.

Retratos a Crayon a 2:000 réis
Carta a esta Redacção
RECEBEM-SE ENCOMENDAS DA PROVINCIA

Januario & Mourão
OURIVESARIA E JOALHARIA
Grande quantidade d'artigos em estojo proprios para brinde, desde 1.000 réis, joias com brilhantes usados, ouro e prata a peso.
Importação directa das fabricas.
PREÇO FIXO
Rua da Palma, 86, 88, 90, 92 e 92 A

MOTORES DE AR QUENTE
Para tirar agua, substituindo com vantagem as noras e os moinhos de vento. **L. M. Lilly** Successor, R. dos Retrozeiros, 35, 1.º, — D. Lisboa.

R. Xavier da Silva
Doenças da garganta, nariz e ouvidos
CLINICA GERAL
Das 3 ás 5 — Rua da Palma, 133, 1.º

PIANOS
A. NASCIMENTO
Concerta e afina todos os instrumentos de madeira e corda e pianos melódicos encordões para pianos e harpas, etc., etc.
TRABALHOS GARANTIDOS
Travessa da Bica, 5 (ao Intendente)
LISBOA

Pharmacia do Instituto

Pasteur de Lisboa
Productos esterilizados, especialidades nacionaes e estrangeiras, reccuatorio.

Rua Nova do Almada, 86 a 90
Em frente ao mesmo Instituto

JAZIGOS DE CAPELLA
A 200\$000 réis
8 Logares
Rua da Assumpção, 12 — J. A. CRUZ

LOUÇAS-VIDROS-TALHERES
QUASI DE GRAÇA
SÓ NA CASA DAS LOUÇAS
33, RUA DA PALMA, 35
Pedro Carlos Dias de Sousa

GATO PRETO
R. DE S. NICOLAU
Lisboa PORTUGAL
EXPOSIÇÃO DE LOUÇA DAS CALDAS
Arte decorativa
Artigos para brinde

GATO PRETO
Rua de S. Nicolau
(Esquina da R. do Crucifixo)

D B CYCLETAS INGLEZAS
VENDAS A PRESTAÇÕES

CASA VELO-PORTUGAL
J. da COSTA BRAGA - 21 RUA MARIA 23 LISBOA
BICYCLETAS DAS MAIS MODESTAS AS DE MAIOR LUZO POR PREÇOS BAIXOS
APRESENTANDO E REPARANDO
SECURIDAD DE ENDEI L'ALUGUER - PIANOS PRODUZINDO D'ALBUQUERQUE - CAFFO - URANDI

A NOSSA MANEIRA DE ANUNCIAR

A bicycleta ingleza, de 1.º ordena que, sob a denominação de **"VELO-PORTUGAL"** vendemos de ha 5 annos, acreditou-se e impoz-se de forma tal que é hoje o modelo geralmente adoptado, sendo copiada tanto quanto possível.

Não ha cyclista que o ignore. Ninguém imita artigos sem reputação. O mesmo succede com as machinas «B. S. A.» de que fomos introductor em Lisboa e que, como se sabe, teem centenas de imitadores.

Quem visitar a Exposição «Velo-Portugal» ficará verdadeiramente surprehendido. Solicita-se com cordeal empenho uma visita a simples titulo de curiosidade ou de interesse sportivo; convida-se a ver mesmo as pessoas que não necessitem qualquer artigo da casa. Não se constrange ninguém a comprar; unicamente se dão todos os esclarecimentos que o cyclista deseje.

Na casa «Velo-Portugal» ha ordem, solicitude e decente processo commercial, por isso, dentro da nossa modestia, sóbemos guindar o nome do nosso estabelecimento.

Nunca annunciámos milagres, nem nos arrogámos privilegios inimitaveis. O nosso reclamo é simplesmente:

Bicycletas das mais modestas ás de maior luxo por preços razoaveis.

Temos a maxima possibilidade de fazer tantas ou talvez mais vantagens do que qualquer commerciante possa fazer, em vista das condições muito especiaes em que a nossa casa está montada no que respeita a ordem e economia. De resto todas as nossas compras são a prompto pagamento e em grandes quantidades.

Em qualidade e em preços fazemos tudo quanto com seriedade se pode garantir, para merecer confiança e sermos honrados com a preferéncia do publico.

Ha pessoas que, não vendo reclamos espathafatosos, julgam tratar-se de uma casa que vende mais caro. Temos bicycletas para todos os preços do mercado, unicamente não sabemos adoptar o systema de pretender suggerir que fazemos n'isso favor ao publico, ou temos algum poder sobrenatural.

Vendemos por menos o que se fabrica podem fornecer por menos, e nada mais.

PROPIEDAD DE "AZULEJOS"

BERTHA

GAVOTTE

Op. 38 de M. Osorio

PIANO

Gracioso

pp

The musical score is written for piano and consists of 12 systems of music. The notation includes treble and bass clefs, a key signature of one sharp (F#), and a 2/4 time signature. The score is marked with various dynamics and articulation instructions:

- System 1: *Gracioso*, *pp*
- System 2: *sf*, *mf*, *p*
- System 3: *sf*, *mf*, *p*
- System 4: *poco rit.*, *p*, *dolce*, *sf*, *mf*, *p*
- System 5: *rit.*, *a tempo*, *mf*, *p*
- System 6: *mf*, *p*, *mf*, *poco più lento.*, *mf*, *com grazia*
- System 7: *mf*, *p*
- System 8: *p*, *leggerissimo*, *cresc*
- System 9: *leggerissimo*, *cresc*

The piece concludes with the instruction **(CONTINUA)**.